

ARTE E ESPIRITUALIDADE INACIANA: liberados para criar

A busca artística foi um componente fundamental, um elemento constitutivo da história da espiritualidade inaciana. A Companhia de Jesus sempre esteve, desde suas origens, em estreito contato com os ambientes artísticos mais importantes da época.

Em Inácio de Loyola certamente não se pode falar, em sentido estrito, de “**belas artes**”, nem muito menos de elaboração das teorias estéticas; podemos falar, no entanto, de reflexões sobre “**imagens**” e de seu valor simbólico, sobre seu poder de questionar a vida cristã, sobre sua capacidade de se revelar como “lugar” de relação entre Deus e a pessoa.

Destacamos aqui a natureza espiritual do “**visualizar**” nos Exercícios Espirituais. As **imagens** pertencem à vida do cristão antes que à estética: através das imagens o exercitante se relaciona com Deus. Os exercícios de imaginação se convertem em exercícios de integração afetiva do exercitante com Deus. O prazer de uma obra de arte se encontra na provocação que o visível faz ao imaginário.

“*O que se vê não é nada, comparado com o que se imagina*” (Bachelard).

Roland Barthes, que considera Inácio como místico por seu uso da **imaginação** como matéria constante de seus Exercícios, fala do “imperialismo radical da imagem” nos jesuítas, que viram nas **belas artes** um dos instrumentos mais eficientes de seu apostolado.

S. Inácio compreendeu a bem a linguagem dos artistas que falam de sua “necessidade interior”. Ele intuiu que, se pretendesse captar o “ser humano todo”, deveria contar com a força das **belas artes**.

A espiritualidade inaciana se faz assim coerente com a estima e a prática da arte criativa que, a partir do plano da sensibilidade, nos leva à contemplação espiritual.

Contra o mito de um Inácio exclusivamente cerebral, a verdade é que sua pedagogia espiritual passa ao lado da frieza racional do “*Ânimus*” para introduzir-nos na misteriosa complexidade da intuitiva “*Anima*”.

Precisamente por sua capacidade de atuar no âmbito intuitivo e criativo de nosso ser, a **arte** pode fazer com que nossos sentidos percebam aquela realidade que não é evidente, senão figurada. A **arte** pode desvelar aspectos da realidade que ignorávamos ou que desejamos conhecer.

Arte é isso: a vida que se expressa através dos **sentidos**, vislumbrando novas possibilidades, ressignificando o conhecido, enxergando com lentes de aumento o que já existe, afinando os ouvidos para captar outras mensagens, navegando no desconhecido, captando novos sentidos no mundo...

Nossos sentidos são **arte**. Porque arte é, precisamente, isso: a natureza transformada pela imaginação para nos dar novas experiências de prazer e alegria. A **arte** é um modo original de nos despertar para o sentido de uma existência mais humana, mais fraterna.

O desenvolvimento harmônico de todas as **faculdades** humanas era um dos objetivos principais buscados pela Companhia de Jesus para os seus estudantes. Daí nasceram – tanto entre os jesuítas como entre seus alunos – figuras destacadas no campo da literatura, das ciências, da música, do teatro, das artes plásticas... Como poderia uma Ordem fundada para difundir o Evangelho nas massas populares prescindir de meios tão populares e sedutores como são o canto, a música, o teatro, a poesia, a pintura...?

Inácio de Loyola quis que em sua Companhia pudessem encontrar-se representantes exímios em todos os ramos do saber. Também no exercício das **artes**. Quis também que os jesuítas seguissem o princípio paulino da adaptação à variedade de “pessoas, tempos e lugares”.

Compreende-se assim que é possível buscar um único “estilo jesuítico” adotado pelos missionários da Companhia na construção de seus templos e residências e tantas e tão variadas regiões do planeta.

Princípios inacianos como a interiorização, a mobilização de todas as dimensões da pessoa, a universalidade da ação apostólica, a adaptação às pessoas, tempos e lugares e a busca da excelência, são os que nos proporcionam as chaves das realizações artísticas dos jesuítas.

A espiritualidade inaciana, portanto, revela esta intencionalidade: ajudar às pessoas a liberar nelas a ação do Espírito Criador. É na liberação para a criatividade onde Espiritualidade e Arte se encontram.

Há uma finalidade presente na ação artística inaciana: a **arte** é um meio para o projeto de humanização integral e integradora. O humanismo inaciano foi se convertendo em um humanismo integral que abarcava tudo o que fosse um enriquecimento do ser humano.

S. Inácio descobre no exercitante o artista. Ele ensina a deter-se extasiado diante da oração como faz o artista diante de sua obra.

Esta percepção e expressão da **beleza** adquirem especial destaque na última página dos EE: a **contemplação** de Deus como fonte da qual brota toda beleza da Criação; em outras palavras, a beleza é a marca de Deus nas criaturas. Por isso, a Criação é um mistério a ser desvendado continuamente.